

23 JUL 1992

Dívidas e dúvidas

Kurt Pessek

Existem inúmeros motivos pelos quais os países desenvolvidos se distinguem. Entre eles o tamanho do território e a abundância dos recursos da natureza nunca foram decisivos. Aí está o Japão que comprova a afirmativa. O respeito às leis escritas e aos costumes da sociedade; confiança no resultado do esforço comum; forte espírito gregário e competitivo; crédito no talento nacional são algumas das mais importantes características análogas aos países ricos. E nesses quatro pontos nós somos muito fracos.

Depois do hercúleo esforço dos portugueses e brasileiros em garantir vastíssimo território com inúmeras riquezas, caímos no conto da infabilidade do futuro dourado. No começo deste século, adotamos por lema o ufanismo de Affonso Celso.

CORREIO BRAZILIENSE

Tornamo-nos escatológicos, finalistas, confiantes nas benesses do destino. Tanto que o dito popular “se o Brás é o tesoureiro a gente acerta no final” representa bem o pensamento de boa parte de nossa população. E haja pândegas e bródios.

Desde a nossa independência, vivemos pendurados nos bancos internacionais. Condicionamos o nosso desenvolvimento exclusivamente ao volume dos empréstimos externos. A importância deles é indubitável, só que, passados quase dois séculos, nós cada vez mais os necessitamos para sobreviver. Cada vez somos mais dependentes. Quer dizer, nós, o povo, não os astutos que enriquecem com o nosso sacrifício.

Os milagres do campo econômico se resumiram aos êxitos em engambelar os banqueiros internacionais a

nos ceder dinheiro a juros exorbitantes. Quando os recursos externos mingam, passamos a sofrer fortes crises internas capazes de sacudir até conceitos ideológicos. A nossa dependência é assustadora.

Nós estamos a sofrer grave recessão para pagar empréstimos antigos e receber novos. Sem dúvida os altos funcionários — os que detêm 80 por cento do dinheiro do Brasil na Suíça — irão aplicar os novos recursos em qualquer grande obra tipo Ferrovia do Aço. Dessa forma, eles ficarão cada vez mais ricos e nós, os ufanistas, sofreremos nova recessão para honrar a dívida. E a macabra ciranda não acaba nunca. Depois afirmam de boca cheia que somos soberanos. Nem no futebol.

■ Kurt Pessek é escritor